UNE ✦ SACRA

Profecias e Videntes

O Oráculo de Delfos em Heródoto

✦ ✦ ✦

Heródoto

Tradução (edição 1.1)

Créditos

Autor	Heródoto
Data	c. 430 a.C. (tradução inglesa de 1890)
Idioma original	Grego arcaico
Versão	Tradução (edição 1.1)
Tradução	Tradução popular, a partir do inglês de G. C. Macaulay (1890)
Fonte	Project Gutenberg — The History of Herodotus, tradução de G. C. Macaulay (Londres, Macmillan, 1890), vols. 1 e 2 (e-books 2707 e 2456)
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Delfos, nas encostas do monte Parnaso, na Grécia central, foi o oráculo mais famoso do mundo antigo. No templo de Apolo, uma sacerdotisa, a Pítia, respondia em nome do deus às perguntas de reis, cidades e pessoas comuns, muitas vezes em versos hexâmetros e com palavras de duplo sentido; daí o apelido de Apolo, Lóxias, "o oblíquo".

Antes de fundar uma colônia, fazer uma guerra ou mudar as leis, era em Delfos que se ia perguntar.

Heródoto de Halicarnasso (c. 484–c. 425 a.C.), o "pai da História", escreveu as suas Histórias por volta de 430 a.C., contando as guerras entre gregos e persas e tudo o que veio antes delas.

Ele cita dezenas de respostas da Pítia, e é por ele que conhecemos as mais célebres: a tartaruga cozida no bronze com que Creso pôs os oráculos à prova, o "grande império" que Creso destruiria (o seu próprio), a mula dos medos, os ossos de Orestes, as "muralhas de madeira" que salvariam Atenas antes de Salamina, o rei de Esparta que devia morrer nas Termópilas. Ele também conta casos em que a Pítia foi comprada.

Esta é uma seleção: 19 episódios com respostas de Delfos, na ordem do livro, cada um com o trecho de Heródoto que conta a pergunta, a resposta e o que veio depois. O título de cada episódio indica o livro e as seções.

No episódio de Cípselo (V, 92) e no de Milcíades (VI, 34–35) entra só a parte que trata do oráculo, marcada com reticências. O texto inglês é a tradução de G. C.

Macaulay (1890), sem as notas; uma palavra que falta no texto digital do episódio de Tégea vai entre colchetes. As versões em português e espanhol foram traduzidas desse inglês.

Muitos estudiosos acham que parte dessas respostas foi composta ou retocada depois dos fatos; o texto é apresentado como documento histórico.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/2707

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Giges e a primeira resposta (I, 13)

Creso põe os oráculos à prova (I, 46–49)

Um grande império e a mula dos medos (I, 53–55)

O filho mudo de Creso (I, 85)

Creso pede contas ao deus (I, 90–91)

Licurgo (I, 65)

Tégea e os ossos de Orestes (I, 66–68)

Os cnídios e o istmo (I, 174)

O tesouro de Sifnos (III, 57–58)

Bato e a fundação de Cirene (IV, 150–151, 155–157)

Os Alcmeônidas compram a Pítia (V, 63)

Cípselo de Corinto (V, 92)

Milcíades e os dolôncios (VI, 34–35)

Cleômenes suborna a Pítia (VI, 66)

Glauco e o depósito (VI, 86)

As muralhas de madeira (VII, 140–143)

Os délfios e os ventos (VII, 178)

Leônidas e o rei que deve morrer (VII, 220)

Os persas diante de Delfos (VIII, 36–39)

GIGES E A PRIMEIRA RESPOSTA (I, 13)

✦

13 Ele, contudo, obteve o reino e nele se firmou por meio do Oráculo de Delfos; pois, como os lídios estavam irados por causa da sorte de Candaules e tinham pegado em armas, fez-se um acordo entre os partidários de Giges e os outros lídios: se o Oráculo respondesse que ele devia ser rei dos lídios, seria rei; se não, devolveria o poder aos filhos de Héracles.

13.2 O Oráculo deu a resposta, e assim Giges se tornou rei; mas a profetisa pítia disse também que a vingança dos Heraclidas viria sobre os descendentes de Giges na quinta geração. Os lídios e os seus reis não fizeram caso desse oráculo até que ele de fato se cumpriu.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CRESO PÕE OS ORÁCULOS À PROVA (I, 46–49)

✦

46 Por dois anos, então, Creso ficou quieto no seu luto, porque tinha perdido o filho; mas, passado esse tempo, a derrubada do domínio de Astíages, filho de Ciaxares, por Ciro, filho de Cambises, e o crescente poder dos persas fizeram Creso deixar o luto e o levaram a pensar em cortar o poder dos persas, se de algum modo pudesse, enquanto ainda estava crescendo e antes que se tornassem grandes.

46.2 Tendo formado esse plano, começou logo a pôr à prova os oráculos, tanto os dos helenos quanto o da Líbia, mandando mensageiros, uns a um lugar e outros a outro, uns a Delfos, outros a Abas, na Fócida, e outros a Dodona; e alguns foram mandados ao santuário de Anfiarau e ao de Trofônio, outros aos Brânquidas, na terra de Mileto: esses são os oráculos dos helenos aos quais Creso mandou mensageiros para buscar adivinhação; e outros mandou ao santuário de Amon, na Líbia, para consultar ali.

46.3 Mandava os mensageiros para fora a fim de provar os oráculos e descobrir o que sabiam, para que, se se achasse que conheciam a verdade, pudesse mandar perguntar-lhes, em segundo lugar, se devia tentar marchar contra os persas.

47 E aos lídios que mandou para pôr à prova os oráculos deu esta ordem: que, a partir do dia em que saíssem de Sardes, contassem os dias seguintes e, no centésimo dia, consultassem os oráculos, perguntando o que Creso, filho de Aliates, rei dos lídios, estava fazendo naquele momento; e o que cada oráculo profetizasse, que o mandassem escrever e o trouxessem a ele.

47.2 Ora, o que os outros oráculos profetizaram ninguém conta; mas em Delfos, logo que os lídios entraram no santuário do templo para consultar o deus e perguntaram o que lhes fora mandado perguntar, a profetisa pítia falou assim, em versos hexâmetros: “Eu conheço o número da areia e a medida das gotas do oceano; entendo o mudo e ouço a fala de quem não fala. E chegou à minha alma o cheiro de uma tartaruga de casco duro fervendo num caldeirão de bronze, com a carne de um cordeiro misturada a ela; por baixo há bronze, e bronze a cobre como veste.”

48 Depois que a profetisa pítia proferiu esse oráculo, os lídios mandaram escrever a profecia e partiram logo para Sardes. E, quando também os outros que tinham sido mandados por toda parte chegaram ali com as respostas dos oráculos, Creso abriu os escritos um por um e os examinou; e a princípio nenhum lhe agradou, mas, quando ouviu o de Delfos, logo adorou o deus e aceitou a resposta, julgando que o Oráculo de Delfos era o único verdadeiro, porque tinha descoberto o que ele mesmo tinha feito.

48.2 Pois, depois de mandar os seus mensageiros aos vários oráculos para consultar os deuses, guardando bem na memória o dia marcado, ele tinha armado este artifício: pensou em algo que seria impossível descobrir ou imaginar e, cortando em pedaços uma tartaruga e um cordeiro, cozinhou-os juntos ele mesmo num caldeirão de bronze, pondo sobre eles uma tampa de bronze.

49 Essa foi, pois, a resposta dada a Creso por Delfos; quanto à resposta de Anfiarau, não sei dizer o que ele respondeu aos lídios depois que fizeram o que é costume no seu templo, pois não há registro disso, como dos outros, a não ser que Creso julgou que também ele possuía um oráculo verdadeiro.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

UM GRANDE IMPÉRIO E A MULA DOS MEDOS (I, 53–55)

✦

53 Aos lídios que iam levar esses presentes aos templos Creso mandou que fizessem também esta pergunta aos oráculos: se Creso devia marchar contra os persas e, nesse caso, se devia juntar a si algum exército de homens como amigos.

53.2 E, quando os lídios chegaram aos lugares para onde tinham sido mandados e dedicaram as oferendas, consultaram os oráculos e disseram: "Creso, rei dos lídios e de outras nações, considerando que estes são os únicos oráculos verdadeiros entre os homens, oferece-vos presentes dignos das vossas revelações e pergunta-vos de novo agora se deve marchar contra os persas e, nesse caso, se deve juntar a si algum exército de homens como aliados."

53.3 Assim perguntaram, e as respostas dos dois oráculos concordaram numa só, declarando a Creso que, se marchasse contra os persas, destruiria um grande império; e aconselharam-no a descobrir quais eram os mais poderosos dos helenos e a juntá-los a si como amigos.

54 Quando as respostas foram trazidas e Creso as ouviu, ficou encantado com os oráculos e, esperando destruir com certeza o reino de Ciro, mandou de novo a Pito e, tendo verificado quantos eram os homens de Delfos, deu-lhes dois estáteres de ouro por pessoa; e em troca os délfios deram a Creso e aos lídios a precedência na consulta ao Oráculo, a isenção de todos os paga-

mentos e o direito aos lugares da frente nos jogos, com este privilégio também para sempre: que qualquer um deles que quisesse poderia tornar-se cidadão de Delfos.

55 E, depois de presentear os homens de Delfos, Creso consultou o Oráculo pela terceira vez; pois, desde que conheceu a verdade do Oráculo, fez largo uso dele. E, consultando o Oráculo, perguntou se a sua monarquia duraria muito tempo. E a profetisa pítia lhe respondeu assim: "Quando acontecer que uma mula dos medos seja monarca, então, junto ao Hermo pedregoso, ó lídio de pés delicados, foge e não esperes, e não te envergonhes de ser chamado covarde."

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O FILHO MUDO DE CRESO (I, 85)

✦

85 Enquanto isso, ao próprio Creso aconteceu o seguinte. Ele tinha um filho, de quem já falei antes, que era de bom caráter, mas privado da fala. Ora, no seu tempo de prosperidade, Creso tinha feito tudo o que era possível por ele e, entre outras coisas que inventou, tinha também mandado mensageiros a Delfos para perguntar a respeito dele.

85.2 E a profetisa pítia lhe falou assim: “Lídio, senhor de muitos, Creso, muito cego para o destino, não desejes ouvir nos teus salões aquela voz pela qual tanto se pede, a voz do teu filho; muito melhor seria que ela ficasse longe de ti, pois ele falará pela primeira vez num dia mau de desgraça.”

85.3 Ora, quando a fortaleza estava sendo tomada, um dos persas ia matar Creso, tomando-o por outro; e Creso, vendo-o avançar, não se importou, por causa da desgraça que caíra sobre ele, e era-lhe indiferente morrer pelo golpe; mas esse filho sem voz, quando viu o persa avançar, por terror e aflição rompeu as amarras da sua fala e disse: “Homem, não mates Creso.”

85.4 Esse filho, digo, falou então pela primeira vez, mas depois disso continuou a falar por todo o tempo da sua vida.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CRESO PEDE CONTAS AO DEUS (I, 90–91)

✦

90 Ouvindo isso, Ciro ficou extremamente satisfeito, porque achou que Creso aconselhava bem; elogiou-o muito e mandou os lanceiros da sua guarda fazerem o que Creso tinha aconselhado; e depois disso falou assim a Creso: "Creso, já que estás pronto, como rei que és, a fazer boas ações e dizer boas palavras, pede-me um presente, o que quiseres que te seja dado agora mesmo."

90.2 E ele disse: "Senhor, o maior favor que me farás é permitir que eu mande ao deus dos helenos, a quem honrei mais do que a todos os deuses, estes grilhões, e lhe pergunte se ele acha justo enganar os que lhe fazem bem."

90.3 Então Ciro lhe perguntou que acusação fazia ao deus, para pedir isso; e Creso repetiu-lhe tudo o que tinha pensado, as respostas dos oráculos e sobretudo as oferendas, e como fora incitado pela profecia a marchar contra os persas; e, falando assim, voltou de novo ao pedido de que lhe fosse permitido fazer essa censura ao deus.

90.4 E Ciro riu e disse: "Não só isto obterás de mim, Creso, mas também o que quer que desejes de mim em qualquer tempo." Ouvindo isso, Creso mandou alguns lídios a Delfos, ordenando-lhes que pusessem os grilhões no umbral do templo e perguntassem ao deus se não se envergonhava de ter incitado Creso com as suas profecias a marchar contra os persas, persuadindo-o de que poria fim ao império de Ciro, já que essas eram as primícias

do despojo que tinha ganhado dele — mostrando ao mesmo tempo os grilhões. Isso deviam perguntar, e ademais se os deuses dos helenos achavam justo praticar a ingratidão.

91 Quando os lídios chegaram e repetiram o que lhes fora mandado dizer, conta-se que a profetisa pítia falou assim: "O destino fixado é impossível de evitar, até para um deus. E Creso pagou a dívida pelo pecado do seu quinto antepassado, que, sendo um dos lanceiros dos Heraclidas, seguiu a artimanha traiçoeira de uma mulher e, depois de matar o seu senhor, tomou posse da dignidade real, que não lhe pertencia por direito.

91.2 E, embora Lóxias desejasse ardentemente que a desgraça de Sardes caísse sobre os filhos de Creso e não sobre o próprio Creso, não lhe foi possível desviar as Moiras do seu curso; mas o tanto que elas concederam ele o realizou e o deu de presente a Creso: pois adiou a tomada de Sardes por três anos; e saiba Creso que foi feito prisioneiro esses anos mais tarde do que o tempo fixado pelo destino; ademais, em segundo lugar, socorreu-o quando ele ia ser queimado.

91.3 E quanto ao oráculo que foi dado, Creso não tem razão de se queixar: pois Lóxias lhe disse de antemão que, se marchasse contra os persas, destruiria um grande império; e ele, ao ouvir isso, se quisesse aconselhar-se bem, devia ter mandado perguntar ainda se o deus falava do seu próprio império ou do de Ciro; mas, como não compreendeu o que foi dito e não perguntou de novo, declare-se a si mesmo culpado do que se seguiu.

91.4 Também, quando consultou o Oráculo pela última vez, Lóxias lhe disse o que disse sobre uma mula; mas também isso ele não compreendeu: pois Ciro era de fato essa mula, já que nasceu de pais de duas raças diferentes, a mãe de linhagem mais nobre e o pai de menos nobre: ela era uma

meda, filha de Astíages, rei dos medos, e ele um persa, de um povo súdito dos medos, e, sendo inferior em tudo, era marido daquela que era sua senhora real."

91.5 Assim respondeu a profetisa pítia aos lídios, e eles levaram a resposta de volta a Sardes e a repetiram a Creso; e ele, ao ouvi-la, reconheceu que a culpa era sua e não do deus. Quanto ao império de Creso e à primeira conquista da Jônia, foi assim que aconteceu.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LICURGO (I, 65)

✦

65 Tal era o estado de coisas que Creso ouviu dizer que havia entre os atenienses naquele tempo; quanto aos lacedemônios, ouviu dizer que tinham escapado de grandes males e já levavam a melhor sobre os tegeatas na guerra.

65.2 Pois, quando Leão e Hegesicles eram reis de Esparta, os lacedemônios, que tinham bom êxito em todas as outras guerras, sofreram desastres só naquela que faziam contra os homens de Tégea. Ademais, nos tempos anteriores a esses, tinham as piores leis de quase todos os helenos, tanto nos assuntos que diziam respeito só a eles quanto no fato de não terem trato com estrangeiros.

65.3 E passaram a uma boa constituição de leis deste modo: Licurgo, homem dos espartanos tido em alta estima, foi ao Oráculo de Delfos e, ao entrar no santuário do templo, logo a profetisa pítia disse assim: “Eis que vieste, ó Licurgo, a este rico santuário do meu templo, amado por Zeus e por todos os que habitam as moradas do Olimpo. Se te chamarei deus, duvido, nas minhas vozes proféticas, deus ou homem; mas antes creio que és um deus, ó Licurgo.”

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TÉGEA E OS OSSOS DE ORESTES (I, 66–68)

✦

66 Alguns dizem, ademais, que a profetisa pítia também lhe expôs a ordem das coisas que agora está estabelecida entre os espartanos; mas os próprios lacedemônios dizem que Licurgo, tendo-se tornado tutor de Leobotes, filho de seu irmão, que era rei dos espartanos, trouxe essas coisas de Creta.

66.2 Pois, logo que se tornou tutor, mudou todas as leis em vigor e tomou providências para que não transgredissem as suas instituições; e depois disso Licurgo estabeleceu o que dizia respeito à guerra, isto é, as enomotias, as triécadas e as refeições em comum, e além disso os éforos e o Senado.

66.3 Tendo mudado assim, os espartanos tiveram boas leis; e a Licurgo, depois de morto, ergueram um templo e prestam-lhe grande culto. Então, como era de esperar, com uma terra fértil e com não pequeno número de homens habitando nela, logo cresceram e prosperaram; e já não lhes bastava ficar quietos, mas, presumindo que eram superiores em força aos árcades, consultaram o Oráculo de Delfos sobre a conquista de toda a Arcádia; e a profetisa pítia respondeu assim: "A terra da Arcádia me pedes; pedes-me muito; recuso-a.

66.4 Muitos há na terra da Arcádia, homens robustos, comedores de bolotas; eles te impedirão disso; mas não te sou avara: Tégea, batida por pés ressoantes, eu te darei para dançar, e uma bela planície eu te darei para medir com a corda e dividir."

66.5 Quando os lacedemônios ouviram essa resposta, deixaram em paz os outros árcades e marcharam contra os tegeatas levando grilhões nas mãos, confiando num oráculo enganoso e esperando fazer escravos os homens de Tégea.

66.6 Mas, vencidos no combate, os que foram apanhados vivos trabalharam usando os grilhões que eles mesmos tinham trazido e "medindo com a corda e dividindo" a planície dos tegeatas. E esses grilhões com que tinham sido presos conservavam-se ainda no meu tempo em Tégea, pendurados em volta do templo de Atena Aleia.

67 Na guerra anterior, digo, lutaram contra os tegeatas sempre sem êxito; mas no tempo de Creso e no reinado de Anaxândridas e Áriston na Lacedemônia, os espartanos finalmente se tornaram vencedores na guerra; e tornaram-se deste modo.

67.2 Como continuavam sempre vencidos na guerra pelos homens de Tégea, mandaram mensageiros consultar o Oráculo de Delfos e perguntaram que deus deviam tornar propício para levar a melhor sobre os homens de Tégea na guerra; e a profetisa pítia lhes respondeu que trouxessem para a sua terra os ossos de Orestes, filho de Agamêmnon.

67.3 Então, como não conseguiam achar o túmulo de Orestes, mandaram de novo homens ao deus para perguntar pelo lugar onde Orestes jazia; e, quando os mensageiros enviados perguntaram isso, a profetisa disse assim: "Há uma Tégea, na terra da Arcádia, fundada num lugar plano, onde sopram dois ventos juntos, por forte necessidade; há golpe e golpe em [resposta], e aflição sobre aflição. Ali o filho de Agamêmnon repousa na terra que dá a vida; se o levares contigo para casa, serás senhor de Tégea."

67.4 Quando os lacedemônios ouviram isso, nem por isso estavam menos longe de descobri-lo, embora procurassem em toda parte, até que Licas, um dos espartanos chamados "benfeitores", o descobriu.

67.5 Ora, os "benfeitores" são os cidadãos mais velhos que saem das fileiras dos "cavaleiros", cinco a cada ano; e estes são obrigados, durante o ano em que saem dos "cavaleiros", a deixar-se mandar sem parar a vários lugares pelo Estado espartano.

68 Licas, pois, sendo um destes, descobriu-o em Tégea, tanto por sorte quanto por habilidade. Pois, como havia naquele tempo relações de trégua com os homens de Tégea, ele tinha entrado numa forja ali e olhava o ferro sendo trabalhado; e estava admirado ao ver o que se fazia.

68.2 O ferreiro, então, percebendo que ele se admirava, parou o trabalho e disse: "Certamente, estrangeiro da Lacedemônia, se tivesses visto o que eu vi uma vez, ter-te-ias admirado muito, já que agora te admiras tanto com o trabalho deste ferro; pois eu, querendo fazer um poço neste cercado, dei, ao cavar, com um caixão de sete côvados de comprimento; e, não acreditando que jamais tivesse havido homens maiores do que os de hoje, abri-o e vi que o corpo do morto era do mesmo comprimento do caixão; então, depois de medi-lo, enchi de novo a terra por cima."

68.3 Assim ele lhe contou o que tinha visto; e o outro, pensando no que lhe fora contado, conjecturou que aquele era Orestes, conforme o dito do Oráculo, fazendo a sua conjectura deste modo: como via que o ferreiro tinha dois pares de foles, concluiu que esses eram os ventos de que se falava, e que a bigorna e o martelo eram o golpe e o golpe em [resposta], e que o ferro que se trabalhava era a aflição posta sobre aflição, comparando pela ideia de que o ferro foi descoberto para o mal da humanidade.

68.4 Tendo conjecturado assim, voltou a Esparta e contou tudo aos lacedemônios; e eles lhe fizeram uma acusação com um pretexto inventado e o expulsaram para o exílio.

68.5 Tendo então chegado a Tégea, contou ao ferreiro a sua desgraça e tentou arrendar dele o cercado, mas a princípio ele não quis deixá-lo ficar com ele; por fim, contudo, Licas o persuadiu e foi morar ali; e desenterrou o túmulo, juntou os ossos e foi-se com eles para Esparta.

68.6 Desde esse tempo, sempre que se mediam uns com os outros, os lacedemônios levavam muita vantagem na guerra; e já tinham submetido a si a maior parte do Peloponeso também.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

OS CNÍDIOS E O ISTMO (I, 174)

✦

174 Ora, os cários foram submetidos por Hárpago sem que fizessem nenhuma façanha brilhante nem os próprios cários nem os helenos que habitam essa terra. Entre estes últimos estão, além de outros, os homens de Cnido, colonos vindos da Lacedemônia, cuja terra avança pelo mar, sendo de fato a região chamada Triópio, que começa na península de Bíbasso; e, como toda a terra de Cnido, exceto uma pequena parte, é banhada pelo mar (pois a parte que olha para o norte é limitada pelo golfo de Cerâmico, e a que olha para o sul pelo mar diante de Sime e de Rodes), os homens de Cnido começaram a cavar essa pequena parte, que tem cerca de cinco estádios de largura, enquanto Hárpago submetia a Jônia, desejando fazer da sua terra uma ilha; e, dentro do istmo, tudo era deles, pois onde o território de Cnido termina na direção do continente, ali está o istmo que eles cavavam.

174.2 E, enquanto os cnídios trabalhavam nisso com grande número de homens, percebeu-se que os homens que trabalhavam sofriam ferimentos muito mais do que seria de esperar e de modo mais sobrenatural, tanto em outras partes do corpo quanto principalmente nos olhos, quando se quebrava a rocha; por isso mandaram homens perguntar ao Oráculo de Delfos qual era a causa da dificuldade.

174.3 E a profetisa pítia, como contam os próprios homens de Cnido, deu-lhes esta resposta em versos trímetros: “Não cerqueis o lugar com torres nem caveis o istmo; Zeus teria feito da vossa terra uma ilha, se quisesse.”

174.4 Depois que a profetisa pítia deu esse oráculo, os homens de Cnido não só pararam de cavar, mas entregaram-se a Hárpago sem resistência, quando ele veio contra eles com o seu exército.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O TESOURO DE SIFNOS (III, 57–58)

✦

57 Aqueles dos sâmios que tinham feito a expedição contra Polícrates também se foram, quando os lacedemônios estavam para abandoná-los, e chegaram a Sifnos; pois precisavam de dinheiro, e o povo de Sifnos estava então no auge da prosperidade e possuía mais riquezas do que todos os outros ilhéus, já que tinham na sua ilha minas de ouro e de prata, a ponto de haver em Delfos um tesouro dedicado com o dízimo do dinheiro que vinha dessas minas, e mobiliado de modo igual aos mais ricos desses tesouros; e o povo costumava dividir entre si, todos os anos, o dinheiro que vinha das minas.

57.2 Quando, pois, estavam erguendo o tesouro, consultaram o Oráculo sobre se a sua prosperidade de então poderia ficar com eles por muito tempo, e a profetisa pítia lhes deu esta resposta: “Quando de branco brilhar a sala do conselho de Sifnos e a praça for de fronte branca, então será preciso alguém prudente para se guardar de um exército de madeira e de um arauto vermelho.”

57.3 Ora, justamente naquele tempo a praça e a sala do conselho dos sifnianos tinham sido ornadas com mármore de Paros.

58 Esse oráculo eles não conseguiram entender nem então, no princípio, nem quando os sâmios chegaram; pois, logo que os sâmios aportaram em Sifnos, mandaram um dos seus navios levar embaixadores à cidade; ora, antigamente todos os navios eram pintados de vermelho, e era isso que a profetisa pítia anunciava de antemão aos sifnianos, mandando-os guardar-se do “exército de madeira” e do “arauto vermelho”. Os mensageiros, pois,

chegaram e pediram aos sifnianos que lhes emprestassem dez talentos; e, como eles se recusaram a emprestar, os sâmios começaram a devastar as suas terras; quando souberam disso, os sifnianos acudiram logo e, travando combate com eles, foram vencidos, e muitos deles foram cortados pelos sâmios e ficaram fora da cidade; e depois disso os sâmios lhes impuseram um pagamento de cem talentos.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

BATO E A FUNDAÇÃO DE CIRENE (IV, 150–151, 155–157)

✦

150 Até este ponto da história os lacedemônios concordam no seu relato com os homens de Tera; mas, no que vem a seguir, só os de Tera contam que aconteceu assim. Grino, filho de Esânio, descendente do Teras de que se falou e rei da ilha de Tera, foi a Delfos levando a oferenda de uma hecatombe da parte da sua cidade; e acompanhavam-no, além de outros cidadãos, também Bato, filho de Polimnesto, que por descendência era da família de Eufemo, da raça dos mínias.

150.2 Ora, quando Grino, rei dos tereus, consultava o Oráculo sobre outros assuntos, a profetisa pítia respondeu mandando-o fundar uma cidade na Líbia; e ele replicou dizendo: “Senhor, eu já estou um tanto velho e pesado para me mexer; mas manda tu algum destes mais jovens fazer isso.” Dizendo isso, apontou para Bato.

150.3 Por então ficou nisso; mas depois, quando voltaram, ficaram em dificuldade com o dito do Oráculo, pois não tinham conhecimento algum da Líbia, nem de em que parte da terra ficava, nem se atreviam a mandar uma colônia para o desconhecido.

151 Então, depois disso, durante sete anos não choveu em Tera, e nesses anos secaram todas as árvores da ilha, menos uma; e, quando os tereus consultaram o Oráculo, a profetisa pítia apontou como causa esse assunto da colonização da Líbia.

151.2 Como, então, não tinham remédio para o seu mal, mandaram mensageiros a Creta, para descobrir se algum dos cretenses ou dos estrangeiros que moravam em Creta tinha alguma vez ido à Líbia.

151.3 Estes, andando de um lado para outro pela região, chegaram também à cidade de Itanos, e ali encontraram um pescador de púrpura chamado Coróbio, que disse ter sido levado pelos ventos e chegado à Líbia, e na Líbia à ilha de Plateia.

151.4 A esse homem persuadiram com dinheiro e o levaram para Tera, e de Tera partiram homens para explorar, a princípio não muitos; e, tendo Coróbio os guiado a essa mesma ilha de Plateia, deixaram Coróbio ali, com provisões para certo número de meses, e eles mesmos navegaram o mais depressa possível para dar notícia da ilha aos homens de Tera.

155 Depois disso, Polimnesto, homem de prestígio entre os tereus, recebeu dele Frônime e a teve como concubina; e com o tempo nasceu-lhe dela um filho com um defeito na voz e que gaguejava, a quem, como dizem tanto os tereus quanto os cireneus, se deu o nome de Bato; mas eu penso que então lhe deram outro nome e que ele foi chamado Bato em lugar dele depois que chegou à Líbia, tomando para si esse sobrenome do oráculo que lhe foi dado em Delfos e da posição que tinha alcançado; pois os líbios chamam o rei de battos; e por isso, penso, a profetisa pítia, na sua profecia, chamou-o assim, usando a língua líbia, porque sabia que ele seria rei na Líbia.

155.2 Pois, quando se tornou homem, foi a Delfos perguntar sobre a sua voz; e, quando perguntou, a profetisa lhe respondeu assim: “Por causa da voz vieste, ó Bato; mas a ti o senhor Febo Apolo envia como colono à terra líbia rica em ovelhas”, como se dissesse, usando a língua dos helenos: “Por causa da voz vieste, ó rei.”

155.3 Ele respondeu assim: “Senhor, vim a ti perguntar sobre a minha voz, mas tu me respondes outras coisas que não são possíveis, mandando-me ir como colono à Líbia; mas com que poder, ou com que força de homens eu iria?”

155.4 Dizendo isso, não a persuadiu de modo algum a dar-lhe outra resposta; e, como ela lhe profetizava de novo as mesmas coisas de antes, Bato se retirou enquanto ela ainda falava e foi-se para Tera.

156 Depois disso veio a desgraça tanto sobre ele quanto sobre os outros homens de Tera; e os tereus, não entendendo o que lhes acontecia, mandaram perguntar a Delfos sobre os males que sofriam; e a profetisa pítia lhes respondeu que, se se juntassem a Bato para fundar Cirene, na Líbia, se sairiam melhor.

156.2 Depois disso os tereus mandaram Bato com duas galeras de cinquenta remos; e estas navegaram para a Líbia e depois voltaram para Tera, pois não sabiam o que mais fazer; e os tereus os atacaram com projéteis quando tentaram desembarcar e não os deixaram aportar, mas mandaram que voltassem a navegar.

156.3 Eles, pois, forçados, navegaram de volta e fundaram uma colônia numa ilha perto da costa da Líbia, chamada, como se disse antes, Plateia. Diz-se que essa ilha tem o mesmo tamanho da atual cidade de Cirene.

157 Nela continuaram a morar dois anos; mas, como não prosperavam, deixaram ali um dos seus e todos os outros navegaram para Delfos e, chegando ao Oráculo, consultaram-no, dizendo que moravam na Líbia e que, embora morassem lá, não se saíam melhor; e a profetisa pítia lhes respondeu assim: “Se conheces melhor do que eu a terra líbia rica em ovelhas, sem teres ido lá, do que eu, que lá estive, admiro a tua sabedoria.” Ouvindo isso, Bato e

os seus companheiros navegaram de volta outra vez; pois de fato o deus não os dispensaria da tarefa de colonização enquanto não chegassem à própria Líbia; e, chegando à ilha e recolhendo aquele que tinham deixado, fundaram uma colônia na própria Líbia, num lugar em frente da ilha chamado Azíris, que é cercado de belíssimos bosques dos dois lados e tem um rio que passa por um lado.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

OS ALCMEÔNIDAS COMPRAM A PÍTIA (V, 63)

✦

63 Assim, pois, como dizem os atenienses, esses homens, estando instalados em Delfos, persuadiram a profetisa pítia com presentes em dinheiro a que, sempre que homens dos espartanos viessem consultar o Oráculo, enviados em particular ou pelo Estado, ela lhes propusesse libertar Atenas.

63.2 Os lacedemônios, então, como a mesma palavra lhes era dada em todas as ocasiões, mandaram Anquimólio, filho de Áster, homem de prestígio entre os seus cidadãos, com um exército para expulsar de Atenas os filhos de Pisístrato, embora estes estivessem muito ligados a eles por laços de hospitalidade; pois julgavam que as coisas do deus deviam ser preferidas às dos homens; e mandaram essa força por mar, em navios.

63.3 Ele, pois, aportando em Falero, desembarcou o seu exército; mas os filhos de Pisístrato, informados disso de antemão, chamaram em seu auxílio uma força da Tessália, pois tinham feito aliança com os tessálios; e os tessálios, a pedido deles, mandaram por decisão pública um corpo de mil cavaleiros e também o seu rei Cíneas, homem de Cônio.

63.4 Tendo obtido esses aliados, os filhos de Pisístrato armaram o seguinte: cortaram as árvores da planície de Falero, tornaram essa região própria para a cavalaria e depois mandaram a cavalaria atacar o acampamento inimigo; e ela, caindo sobre ele, matou, além de muitos outros lacedemônios, o próprio Anquimólio; e os sobreviventes foram encurralados nos navios.

63.5 Tal foi o resultado da primeira expedição da Lacedemônia; e o túmulo de Anquimólio está em Alopece, na Ática, perto do templo de Héracles que fica em Cinosarges.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CÍPSELO DE CORINTO (V, 92)

✦

92 … (b) Pois a ordem estabelecida do Estado coríntio era esta: o governo era uma oligarquia, e os oligarcas, chamados Baquíadas, controlavam o Estado e casavam entre si. Ora, a um desses homens, chamado Anfíon, nasceu uma filha que era coxa, e o nome dela era Labda.

92.2 Essa filha, como nenhum dos Baquíadas quis casar com ela, foi tomada por esposa por Eécion, filho de Equécrates, que era do demo de Petra, mas por origem lápita e da raça de Ceneu.

92.3 Nem dessa mulher nem de outra lhe nasciam filhos; por isso partiu para Delfos para perguntar sobre descendência; e, ao entrar, logo a profetisa se dirigiu a ele com estes versos: “Eécion, digno de muita honra, ninguém te honra. Labda concebe e dará à luz uma pedra que rola, que cairá sobre os monarcas e fará justiça em Corinto.”

92.4 Essa resposta dada a Eécion chegou de algum modo aos Baquíadas, para quem não era inteligível o oráculo que viera a Corinto antes deste, um oráculo que se referia à mesma coisa que o de Eécion e dizia assim: “Uma águia concebe nos rochedos e dará à luz um leão voraz, forte e feroz para devorar, que soltará os joelhos de muitos. Pensai bem nisto, eu vos mando, coríntios, que habitais em torno da bela fonte de Pirene e de Corinto escarpada.”

92.5 (c) Esse oráculo, digo, tendo vindo antes aos Baquíadas, era obscuro; mas depois, quando ouviram o que viera a Eécion, logo entenderam também o anterior, que estava de acordo com o de Eécion; e, entendendo tam-

bém este, ficaram quietos, desejando destruir a criança que nascesse a Eécion.

92.6 Então, logo que a mulher dele deu à luz uma criança, mandaram dez dos seus ao demo onde Eécion morava, para matar a criança; e, quando estes chegaram a Petra e entraram no pátio da casa de Eécion, pediram a criança; e Labda, sem saber nada do propósito com que tinham vindo e supondo que pediam a criança por amizade ao pai, trouxe-a e a pôs nas mãos de um deles.

92.7 Ora, eles, ao que parece, tinham resolvido pelo caminho que o primeiro deles que recebesse a criança a atiraria ao chão. Mas, quando Labda a trouxe e a entregou, aconteceu por providência divina que a criança sorriu para o homem que a recebeu; e, quando ele percebeu isso, a compaixão o impediu de matá-la, e, com essa compaixão, entregou-a ao seguinte, e este ao terceiro.

92.8 Assim ela passou pelas mãos de todos os dez, entregue de um a outro, já que nenhum deles teve coragem de lhe tirar a vida. Então devolveram a criança à mãe e saíram; e depois, de pé junto à porta, insultavam-se e culpavam-se uns aos outros, principalmente aquele que primeiro recebera a criança, porque não tinha feito o que fora resolvido; até que, por fim, depois de algum tempo, decidiram entrar de novo e todos tomar parte no assassinato.

92.9 (d) Mas da descendência de Eécion estava destinado que nascessem males para Corinto; pois Labda ouvia tudo isso, de pé bem junto à porta, e, temendo que mudassem de ideia, tomassem a criança uma segunda vez e a matassem, levou-a e a escondeu no lugar que lhe pareceu menos provável de ser descoberto, isto é, numa arca de cereais, certa de que, se voltassem para procurar, examinariam tudo; e isso de fato aconteceu.

92.10 Quando, pois, chegaram e, procurando, não conseguiram achá-la, acharam melhor voltar e dizer aos que os tinham mandado que tinham feito tudo o que lhes fora encarregado. (e) Eles, então, partiram e disseram isso; e depois disso o filho de Eécion cresceu e, por ter escapado desse perigo, deram-lhe o nome de Cípselo, como sobrenome tirado da arca de cereais.

92.11 Então, quando Cípselo se tornou homem e foi buscar adivinhação, deu-se-lhe em Delfos uma resposta de dois gumes, confiando na qual tentou tomar Corinto e se apoderou dela. A resposta era esta: "Feliz, na verdade, é a sorte deste homem que entra na minha morada, filho de Eécion; ele reinará na famosa Corinto, Cípselo, ele e os seus filhos, mas os filhos dos seus filhos já não."

92.12 Tal foi o oráculo; e Cípselo, quando se tornou tirano, foi um homem desta índole: a muitos dos coríntios mandou para o exílio, a muitos tirou as riquezas e a muitíssimos mais a vida. ...

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

MILCÍADES E OS DOLÔNCIOS (VI, 34–35)

✦

34 No Quersoneso, então, os fenícios se apoderaram de todas as outras cidades, menos da cidade de Cárdia. Dessas cidades, até aquele tempo, Milcíades, filho de Címon, filho de Estesagoras, tinha sido tirano, tendo Milcíades, filho de Cípselo, obtido esse governo do modo que segue.

34.2 Os habitantes desse Quersoneso eram trácios dolôncios; e esses dolôncios, duramente apertados na guerra pelos apsíntios, mandaram os seus reis a Delfos para consultar o Oráculo sobre a guerra. E a profetisa pítia lhes respondeu que deviam trazer para a sua terra, como fundador de uma colônia, o homem que primeiro lhes oferecesse hospitalidade quando voltassem do templo.

34.3 Os dolôncios, então, seguiram pela Via Sagrada através da terra dos fócios e dos beócios e, como ninguém os convidava, desviaram-se e foram a Atenas.

35 Ora, naquele tempo, em Atenas, o governo estava nas mãos de Pisístrato, mas também Milcíades, filho de Cípselo, tinha algum poder; pertencia a uma família que mantinha quadrigas e descendia originariamente de Éaco e de Egina, embora em tempos mais recentes a sua família fosse ateniense, tendo Fileu, filho de Ájax, sido o primeiro da sua casa a se tornar ateniense.

35.2 Esse Milcíades estava sentado à entrada da sua casa e, vendo os dolôncios passarem com roupas que não eram da moda nativa ateniense e com lanças, chamou-os aos gritos; e, quando se aproximaram, ofereceu-lhes pousada e hospitalidade.

35.3 Eles, então, aceitaram e, depois de recebidos por ele, passaram a contar todas as palavras do Oráculo; e, depois de contá-las, pediram-lhe que fizesse como o deus tinha dito; e Milcíades, ao ouvir isso, logo se inclinou a concordar, porque estava descontente com o governo de Pisístrato e desejava ficar longe dele.

35.4 Partiu, pois, logo para Delfos para perguntar ao Oráculo se devia fazer o que os dolôncios lhe pediam; e, como também a profetisa pítia lhe mandou fazê-lo, Milcíades, filho de Cípselo, que antes disso tinha vencido em Olímpia com uma quadriga, levando consigo todos os atenienses que quiseram tomar parte na expedição, navegou com os dolôncios e tomou posse da terra; e os que o tinham convidado a vir fizeram-no seu tirano. ...

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CLEÔMENES SUBORNA A PÍTIA (VI, 66)

✦

66 Por fim, como havia disputa sobre esses assuntos, os espartanos resolveram perguntar ao Oráculo de Delfos se Demarato era filho de Áriston. A questão, então, tendo sido levada à profetisa pítia por arranjo de Cleômenes, Cleômenes ganhou para o seu lado Cóbon, filho de Aristofanto, que tinha mais poder entre os délfios, e Cóbon persuadiu Periala, profetisa do Oráculo, a dizer o que Cleômenes queria que fosse dito.

66.2 Assim a profetisa pítia, quando os enviados para consultar o deus lhe fizeram a pergunta, decidiu que Demarato não era filho de Áriston. Depois, contudo, essas coisas se tornaram conhecidas, e Cóbon foi para o exílio, deixando Delfos, e Periala, profetisa do Oráculo, foi afastada do seu cargo.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

GLAUCO E O DEPÓSITO (VI, 86)

✦

86 Quando, porém, Leotíquides foi a Atenas e pediu o depósito de volta, os atenienses, não querendo entregar os reféns, apresentaram pretextos para recusar e alegaram que dois reis os tinham depositado e que não achavam justo devolvê-los a um sem o outro; como, pois, os atenienses disseram que não os devolveriam, Leotíquides lhes falou assim: (a) "Atenienses, fazei o que vós mesmos desejardes; pois sabeis que, se os entregardes, fareis o que a religião manda, e, se vos recusardes a entregá-los, fareis o contrário; mas quero contar-vos que tipo de coisa aconteceu uma vez em Esparta a respeito de um depósito.

86.2 Nós, espartanos, contamos que houve na Lacedemônia, cerca de duas gerações antes do meu tempo, um certo Glauco, filho de Epícides. Esse homem, dizemos, alcançou o mais alto mérito em todas as outras coisas, e sobretudo tinha boa fama, entre todos os que naquele tempo moravam na Lacedemônia, pela sua retidão; e contamos que, a seu tempo, lhe aconteceu o seguinte: um homem de Mileto foi a Esparta e quis falar com ele, alegando as razões que seguem: 'Sou milésio', disse, 'e vim aqui desejando tirar proveito da tua retidão, Glauco; pois, como havia muita fama da tua retidão por todo o resto da Hélade e também na Jônia, ponderei comigo mesmo que a Jônia está sempre em perigo, enquanto o Peloponeso está firmemente estabelecido, e também que nunca vemos a riqueza ficar muito tempo nas mãos das mesmas pessoas; refletindo, digo, sobre essas

coisas e aconselhando-me comigo mesmo, resolvi converter em dinheiro a metade dos meus bens e depositá-la contigo, bem certo de que, depositada contigo, eu a teria segura.

86.3 Recebe, pois, eu te peço, o dinheiro, e toma e guarda estas senhas; e a quem quer que peça o dinheiro de volta tendo os sinais que correspondem a estes, a esse o devolve.' (b) O estrangeiro que viera de Mileto disse isso; e Glauco aceitou o depósito nas condições propostas.

86.4 Então, depois de passado muito tempo, vieram a Esparta os filhos daquele que tinha depositado o dinheiro com Glauco; e foram falar com Glauco e, apresentando os sinais, pediram que o dinheiro fosse devolvido; mas ele os repeliu, respondendo-lhes assim: 'Não me lembro do assunto, nem a minha mente me traz conhecimento algum dessas coisas de que falais; mas desejo lembrar-me e fazer tudo o que é justo; pois, se o recebi, desejo devolvê-lo honestamente; e, se, ao contrário, não o recebi de modo algum, agirei convosco segundo os costumes dos helenos; por isso adio o acerto do assunto convosco para daqui a três meses.'

86.5 (c) Os milésios, então, foram-se aflitos, pois supunham que tinham sido roubados do dinheiro; mas Glauco partiu para Delfos para consultar o Oráculo; e, quando perguntou ao Oráculo se devia roubar-lhes o dinheiro por meio de um juramento, a profetisa pítia o repreendeu com estes versos: 'Glauco, filho de Epícides, sim, por enquanto isto, vencer a palavra deles com um juramento e roubar, é mais lucrativo. Jura, pois a sorte da morte espera também quem jura com verdade.

86.6 Mas sabe que o Juramento tem um filho, sem nome, sem mãos e sem pés; e, sem pés, ele persegue, sem mãos, ele agarra, e destruirá por inteiro a raça e a casa do homem que ofende. Mas, para o homem que jura com verdade, a raça será melhor daí em diante.' Ouvindo isso, Glauco su-

plicou que o deus o perdoasse pelo que tinha dito, mas a profetisa disse que pôr o deus à prova e cometer o ato eram coisas equivalentes. (d) Glauco, então, mandou chamar os milésios e devolveu-lhes o dinheiro; mas agora vos direi, ó atenienses, a razão por que me pus a contar-vos esta história.

86.7 No tempo presente não existe nenhum descendente de Glauco, nem lar algum que se tenha por ser o de Glauco, mas ele foi inteiramente destruído e arrancado de Esparta. Assim, é bom nem sequer ter outro pensamento sobre um depósito senão o de devolvê-lo, quando os que o fizeram o pedem de volta."

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

AS MURALHAS DE MADEIRA (VII, 140–143)

✦

140 Pois os atenienses tinham mandado homens a Delfos para perguntar e se preparavam para consultar o Oráculo; e, depois que estes cumpriram os ritos costumeiros no recinto sagrado, quando entraram no santuário e estavam ali sentados, a profetisa pítia, cujo nome era Aristonice, proferiu-lhes este oráculo: “Por que estais sentados, ó miseráveis? Foge para os confins da terra, deixando a tua casa e as alturas da cidade redonda como uma roda!

140.2 Eis que não fica a salvo nem a cabeça nem o corpo — nem os pés embaixo, nem as mãos, nem o meio te restam —; tudo é destruído junto; pois o fogo e o impetuoso deus da guerra, apressando o carro sírio, os lança à ruína. Não só a tua, mas muitas outras grandes fortalezas ele fará perecer; sim, muitos templos dos deuses entregará ao fogo voraz — templos que agora estão de pé, com o suor do seu terror escorrendo, tremendo de pavor; e eis que do mais alto teto até o chão escorre sangue escuro, anunciando o mal terrível e inevitável. Saí, saí do santuário e mergulhai a alma na dor!”

141 Ouvindo isso, os homens mandados pelos atenienses para consultar o Oráculo ficaram muitíssimo aflitos; e, como estavam desesperados por causa do mal que lhes fora profetizado, Tímon, filho de Andróbulo, homem dos délfios de prestígio igual ao dos primeiros, aconselhou-os a tomar um ramo de suplicante e a se aproximar uma segunda vez e consultar o Oráculo como suplicantes.

141.2 Os atenienses fizeram como ele aconselhou e disseram: "Senhor, pedimos-te que nos dês algum oráculo melhor sobre a nossa pátria, respeitando estes ramos de suplicante que viemos trazer-te; senão, certamente não sairemos do santuário, mas ficaremos aqui onde estamos agora, até acabar com a nossa vida."

141.3 Quando disseram essas palavras, a profetisa lhes deu um segundo oráculo, assim: "Palas não consegue aplacar o grande Zeus no Olimpo, embora lhe suplique com muitíssimas palavras e astúcias bem tecidas. Mas eu te direi ainda isto, e o firmarei com aço de diamante: quando tudo o mais for tomado, tudo o que a fronteira de Cécrops contém dentro de si e as ravinas escuras do diviníssimo Citéron, um baluarte de madeira, por fim, Zeus concede à deusa nascida de Tritão, o único a ficar sem ser devastado, e ele será útil a ti e aos teus filhos.

141.4 Não fiques ali esperando que venham os cavaleiros e os infantes sem número; não fiques parado esperando a hoste que vem do continente, mas retira-te, voltando as costas ao inimigo, pois ainda o enfrentarás mais tarde. Salamina, tu, a divina, farás perecer filhos de mulheres, ou quando o grão for espalhado ou quando for recolhido."

142 Isso lhes pareceu ser (como de fato era) uma palavra mais branda do que a primeira; por isso mandaram escrevê-la e partiram com ela para Atenas; e, quando os mensageiros, depois de voltarem, deram conta ao povo, muitas opiniões diversas foram expressas por pessoas que procuravam o sentido do oráculo, e entre elas estas, as mais opostas umas às outras: alguns dos mais velhos disseram que achavam que o deus lhes tinha profetizado que a Acrópole sobreviveria; pois a Acrópole dos atenienses era antigamente cercada por uma sebe de espinhos; e conjecturavam, por isso, que

esse dito sobre o "baluarte de madeira" se referia à sebe; outros, ao contrário, diziam que o deus queria dizer com isso os seus navios, e aconselhavam a deixar tudo o mais e aprontar estes.

142.2 Ora, os que diziam que os navios eram o baluarte de madeira eram abalados na sua interpretação pelos dois últimos versos que a profetisa proferiu: "Salamina, tu, a divina, farás perecer filhos de mulheres, ou quando o grão for espalhado ou quando for recolhido."

142.3 A respeito desses versos, as opiniões dos que diziam que os navios eram o baluarte de madeira ficaram perturbadas; pois os intérpretes de oráculos entendiam que eles queriam dizer que estava destinado que, tendo-se preparado para uma batalha naval, sofreriam uma derrota em volta de Salamina.

143 Ora, havia um homem dos atenienses que pouco antes vinha se adiantando para tomar lugar entre os primeiros, cujo nome era Temístocles, chamado filho de Néocles.

143.2 Esse homem disse que os intérpretes de oráculos não conjecturavam corretamente o todo, e falou assim, dizendo que, se essas palavras proferidas se referissem de fato aos atenienses, não achava que teriam sido expressas tão brandamente no oráculo, mas antes assim: "Salamina, tu, a cruel", em vez de "Salamina, tu, a divina", pelo menos se os seus colonos estivessem destinados a perecer em volta dela; mas, na verdade, o oráculo tinha sido dito pelo deus a respeito dos inimigos, se fosse bem entendido, e não dos atenienses; por isso aconselhou-os a se preparar para travar uma batalha no mar, pois nisso estava o seu baluarte de madeira.

143.3 Quando Temístocles declarou assim a sua opinião, os atenienses julgaram que ela devia ser preferida ao conselho dos intérpretes de oráculos, que os mandavam não se preparar para uma batalha naval e, em suma, nem sequer levantar as mãos em oposição, mas deixar a terra da Ática e estabelecer-se em alguma outra.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

OS DÉLFIOS E OS VENTOS (VII, 178)

✦

178 Os helenos, digo, acudiam com rapidez, tendo sido designados para os seus vários postos; e enquanto isso os homens de Delfos consultaram o Oráculo do deus em favor de si mesmos e em favor da Hélade, tomados de pavor; e foi-lhes dada a resposta de que deviam rezar aos Ventos, pois estes seriam poderosos auxiliares da Hélade no combate. Os délfios, então, tendo recebido o oráculo, primeiro comunicaram a resposta que lhes fora dada àqueles dos helenos que desejavam ser livres; e, tendo-lhes comunicado isso num tempo em que estavam com grande pavor do bárbaro, ganharam para si uma provisão imortal de gratidão; depois disso, os homens de Delfos ergueram um altar aos Ventos em Tia, onde está o recinto sagrado de Tia, filha de Cefiso, de quem esse lugar também tira o nome; e também se aproximaram deles com sacrifícios.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LEÔNIDAS E O REI QUE DEVE MORRER (VII, 220)

✦

220 Contudo, conta-se também que o próprio Leônidas os mandou embora, cuidando que não perecessem, mas achando que não era digno dele e dos espartanos presentes deixar o posto que tinham vindo guardar desde o princípio.

220.2 Inclino-me antes por esta última opinião, isto é, que, porque Leônidas percebeu que os aliados estavam desanimados e não desejavam enfrentar o perigo com ele até o fim, mandou-os partir, mas julgou que ir-se embora não era honroso para ele, ao passo que, se ficasse, deixaria uma grande fama, e a prosperidade de Esparta não seria apagada; pois tinha sido dado pela profetisa pítia aos espartanos, quando consultaram sobre esta guerra no tempo em que ela começava, um oráculo segundo o qual ou a Lacedemônia seria destruída pelos bárbaros, ou o seu rei perderia a vida.

220.3 Essa resposta a profetisa lhes deu em versos hexâmetros, e dizia assim: “Quanto a vós, homens que habitais Esparta de largos espaços, ou a vossa gloriosa cidade é saqueada pelos filhos de Perseu, ou, se assim não for, um rei da linhagem de Héracles será chorado, morto, por todos nos confins da vasta Lacedemônia. Nem a força dos touros nem a fúria dos leões o deterão, pois tem força como a de Zeus; e digo que não será contido até ter despedaçado e dividido completamente um ou outro destes.”

220.4 Sou de opinião que Leônidas, considerando essas coisas e desejando ganhar para si glória acima de todos os outros espartanos, despediu os aliados, e não que os que partiram o fizeram de modo tão desordenado porque

estavam divididos de opinião.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

OS PERSAS DIANTE DE DELFOS (VIII, 36–39)

✦

36 Enquanto isso, os délfios, informados disso, tinham chegado ao extremo do medo; e, em grande terror, consultaram o Oráculo sobre os objetos sagrados, se deviam enterrá-los ou levá-los para outra terra; mas o deus os proibiu de mexer neles, dizendo que era capaz de cuidar sozinho do que era seu.

36.2 Ouvindo isso, começaram a pensar em si mesmos e mandaram os filhos e as mulheres para a Acaia, do outro lado do mar, enquanto a maior parte dos próprios homens subiu para os cumes do Parnaso e levou os seus bens para a gruta Corícia, e outros partiram em busca de refúgio para Anfissa, dos lócrios.

36.3 Em suma, os délfios tinham todos deixado a cidade, exceto sessenta homens e o profeta do Oráculo.

37 Quando os bárbaros tinham chegado perto e podiam ver o templo, então o profeta, cujo nome era Acerato, viu diante da cela armas estendidas no chão, que tinham sido trazidas para fora do santuário, armas sagradas em que a nenhum homem era permitido pôr as mãos.

37.2 Ele, então, ia anunciar o prodígio aos délfios que ainda estavam ali; mas, quando os bárbaros, avançando, chegaram em frente do templo de Atena Pronaia, aconteceram-lhes ainda prodígios maiores do que o que acontecera antes; pois, embora também aquilo fosse uma maravilha, que

armas de guerra aparecessem por si mesmas estendidas fora da cela, isto, que aconteceu logo depois, é digno de admiração acima de todos os outros prodígios.

37.3 Quando os bárbaros, na sua aproximação, estavam em frente do templo de Atena Pronaia, nesse momento caíram do céu raios sobre eles, e do Parnaso se desprenderam dois penhascos e rolaram sobre eles com grande estrondo, caindo sobre muitos deles, enquanto do templo de Pronaia se ouviu um grito, e levantou-se um brado de guerra.

38 Tendo todas essas coisas acontecido juntas, caiu o medo sobre os bárbaros; e os délfios, percebendo que eles fugiam, desceram atrás deles e mataram um grande número; e os que sobreviveram fugiram direto para a Beócia. Esses bárbaros que voltaram contaram, segundo fui informado, que, além disso que dissemos, viram também outras coisas milagrosas; pois dois homens (diziam) de armadura completa e de estatura mais que humana os seguiam, matando e perseguindo.

39 Esses dois, dizem os délfios, eram os heróis da terra Fílaco e Autónoo, cujos recintos sagrados ficam em volta do templo, o de Fílaco bem ao lado da estrada, acima do templo de Pronaia, e o de Autónoo perto da Castália, sob o pico chamado Hiampeia. Ademais, as rochas que caíram do Parnaso ainda se conservavam no meu tempo, jazendo no recinto sagrado de Atena Pronaia, onde caíram quando atravessaram as fileiras dos bárbaros. Tal foi a partida desses homens do templo.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0